

Profissionais do sexo: início e manutenção na profissão
Sex workers: starting and maintaining the profession
Trabajadores sexuales: inicio y mantenimiento de la profesión

Recebido: 08/11/2020 | Revisado: 11/11/2020 | Aceito: 14/11/2020 | Publicado: 18/11/2020

Milena Oliveira do Espírito Santo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6495-719X>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: enfa.milenaoliveira@gmail.com

Michele Mandagará de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7914-9339>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: mandagara@hotmail.com

Roberta Zaffalon Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2521-5652>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: betazaffa@gmail.com

Vania Dias Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9729-2078>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: vania_diascruz@hotmail.com

Valéria Cristina Christello Coimbra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5327-0141>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: valeriacoimbra@hotmail.com

Taís Alves Farias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0774-8463>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: tais_alves15@hotmail.com

Kauana Flores da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4221-0033>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: uanaflores@yahoo.com.br

Silvana Fonseca Timm

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5486-163X>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: silvana_timm@hotmail.com

Resumo

Objetivo: conhecer a inserção e permanência das profissionais do sexo na profissão. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada com dez profissionais do sexo no ano de 2015, por meio de entrevista semi-estruturada, observação participante e diário de campo, na cidade de Pelotas-RS. Os dados obtidos foram agrupados e analisados por meio da análise temática de Minayo. **Resultados:** As participantes reconhecem a atividade que desempenham como um trabalho. Iniciaram na prostituição devido a questões financeiras, falta de oportunidade de trabalho, violência intrafamiliar na infância e não aceitação do seu corpo. Sofrem preconceito rotineiramente, porém tem apoio dos familiares. Utilizam a internet como uma forma de proteção ao estigma. Muitas tem vontade de abandonar a profissão, porém encontram diversos obstáculos. **Conclusão:** As profissionais do sexo padecem com a falta de atenção legal, social, e de saúde. Faz-se urgente elaborar políticas públicas que visem acolher e sanar as demandas dessa parcela da população.

Palavras-chave: Profissionais do sexo; Preconceito; Trabalho.

Abstract

Objective: to know the insertion and permanence of sex workers in the profession. **Methodology:** this is a qualitative, exploratory and descriptive research, which was carried out with ten sex workers in 2015, through semi-structured interviews, participant observation and field diary, in the city of Pelotas-RS. The data obtained were grouped and analyzed using Minayo's thematic analysis. **Results:** the participants recognize the activity they perform as a job. They started prostitution due to financial issues, lack of job opportunities, intrafamily violence in childhood and not accepting their bodies. They routinely suffer prejudice, but have support from family members. They use the internet as a way of protection against stigma. Many are willing to leave the profession, yet encounter several obstacles. **Conclusion:** sex workers suffer from a lack of legal, social, and health care support. There is an urgent need to develop public policies aimed at welcoming and addressing the demands of this portion of the population.

Keywords: Sex workers; Prejudice; Job.

Resumen

Objetivo: conocer la inserción y permanencia de las trabajadoras sexuales en la profesión.

Metodología: Investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva, realizada con diez profesionales del sexo en 2015, mediante entrevista semiestructurada, observación participante y diario de campo, en la ciudad de Pelotas-RS. Los datos obtenidos se agruparon y fueron analizados mediante el análisis temático de Minayo. **Resultados:** Los participantes reconocen la actividad que realizan como un trabajo. Comenzaron a prostituirse por problemas económicos, falta de oportunidades laborales, violencia intrafamiliar en la infancia y por no aceptar sus cuerpos. Sufren prejuicios de forma rutinaria, pero cuentan con el apoyo de sus familiares. Utilizan Internet como una forma de protegerse contra el estigma. Muchas están dispuestas a dejar la profesión, pero encuentran varios obstáculos. **Conclusión:** las trabajadoras sexuales sufren de falta de atención legal, social y de salud. Es urgente desarrollar políticas públicas orientadas a acoger y atender las demandas de esta porción de la población.

Palabras clave: Trabajadoras sexuales; Prejuicio; Trabajo.

1. Introdução

A prostituição é conhecida por ser uma das profissões mais antigas que existem no mundo, sendo definida como uma prática comercial, onde atividades sexuais são trocadas por dinheiro ou outro tipo de recompensa, sem a existência de ligação afetiva entre os envolvidos (Penha et al., 2015; Bonifácio & Tilio, 2016). Mesmo sendo uma profissão histórica, somente no ano de 2002 foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) como tal, recebendo o título de “profissionais do sexo” pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Contudo, ainda é uma categoria vítima de grande discriminação e preconceito, vista pela sociedade como uma ameaça à saúde pública, por ser atribuída à propagação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), condutas pecaminosas e que fogem aos princípios sociais (Penha et al., 2015; Leal et al., 2017).

Segundo estudos, os motivos que circundam a entrada e permanência de indivíduos na prostituição são variados, sendo o principal, a ideia de obter renda de forma “fácil”, seguido do difícil acesso ao mercado de trabalho formal, o que na maioria das vezes é resultado do baixo nível de escolaridade ou falta de qualificação profissional, desigualdade social,

violência doméstica, pouca ou nenhuma estrutura familiar e na minoria das vezes vontade própria (Leal et al., 2017; Bonifácio & Tilio, 2016).

Por serem pouco compreendidos e completamente estigmatizados, profissionais do sexo fazem parte de um grupo com grande vulnerabilidade social que, muitas vezes, por não terem alternativa de sobrevivência, acabam submetendo-se a trabalhar em ambientes precários e inseguros, vivenciando agressões físicas, psicológicas e sexuais (Leal et al., 2017).

Desta forma, é imprescindível que os profissionais e os serviços de saúde estejam preparados e organizados para acolherem de forma integral as necessidades físicas, psicológicas e sociais desta população, atentando para a individualidade de cada um. Portanto, considerando as informações acima relatadas, este estudo tem por objetivo conhecer à inserção e permanência dos profissionais do sexo na atividade.

2. Metodologia

A presente pesquisa é um recorte de um trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, intitulado "Interfaces do cotidiano de profissionais do sexo em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul". Configura-se como abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, realizada no ano de 2015, com a finalidade de descrever aspectos relacionados aos profissionais do sexo.

A abordagem qualitativa é a que melhor se enquadra no estudo por permitir explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. Ressalta-se que as pesquisas de caráter exploratório têm por objetivo explicitar e proporcionar melhor entendimento sobre o tema a ser investigado, permitindo maior familiaridade com o problema, enquanto que a pesquisa descritiva exige do investigador uma descrição detalhada dos fatos e fenômenos de determinada realidade contribuindo para o alcance dos objetivos (Koche, 2011).

O estudo foi desenvolvido por intermédio inicial de uma Organização Não Governamental (ONG) sem fins lucrativos, chamada Vale a vida com sede em Pelotas, que possui como objetivo a promoção e proteção dos Direitos Humanos, visando atender à necessidade das pessoas que vivem com HIV/AIDS, reduzindo suas vulnerabilidades e promovendo qualidade de vida.

A ONG promove atenção a população em situações vulneráveis vítimas de violações dos direitos humanos como as mulheres, crianças, adolescentes, idosos, afrodescendentes, indígenas, homossexuais, transexuais, travestis, bissexuais, trabalhadores do sexo,

dependentes químicos e portadores de sofrimento psíquico. Devido a experiência e aproximação com grupos mais vulneráveis a ONG Vale a vida proporcionou o contato inicial com a população pretendida, indicando alguns sujeitos para participarem do estudo, através de entrevista semi-estruturada e utilizando a técnica metodológica *Snowball*, conhecida no português como bola de neve.

A entrevista semi-estruturada combina perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (Ludke & André, 2013). Assim continuam questões referentes ao papel social que as profissionais do sexo desempenham na sociedade, os motivos de sua inserção e permanência na prostituição e vivências com relação ao estigma/preconceito e obstáculos experimentados. A amostra selecionada foi do tipo não probabilística, a partir da técnica *snowball*, no qual os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam outros, até que seja alcançado o objetivo proposto (Becker, 1993).

Os critérios definidos para a inclusão dos participantes foram: maiores de 18 anos, em atuação na profissão por, no mínimo um ano, concordarem com a gravação de áudio e estarem vinculados a ONG Vale a Vida. Os critérios de exclusão foram não apresentarem condições físicas ou psicológicas para responder a pesquisa e não comparecerem em duas tentativas de realização da entrevista.

Foram indicados a responder a pesquisa 16 profissionais do sexo, sendo que destes quatro negaram-se, dois não compareceram aos encontros agendados previamente por telefone e dez aceitaram participar da pesquisa, as quais foram efetuadas em uma praça localizada no centro da cidade de Pelotas, residências dos participantes e também no local de trabalho, como uma boate no centro da cidade. O período da coleta de dados ocorreu nos dias 31 de outubro a 22 de novembro do ano de 2015, com tempo em média de 15 a 46 minutos cada entrevista. Para manter fidedignidade dos dados, as falas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

Além dos relatos desses profissionais do sexo, utilizou-se da observação participante e construção de diário de campo para fornecimento de detalhes para enriquecimento do estudo e descrição dos participantes e suas especificidades. O conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva e outra reflexiva. A descrição compreende um registro detalhado do que ocorre "no campo", descrevendo os sujeitos, os locais, eventos especiais e os comportamentos. A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador (Ludke & André, 2013).

A pesquisa foi encaminhada a Plataforma Brasil via online, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob o parecer 1.213.031. Foram respeitados os aspectos éticos conforme a Resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (Brasil, 2012), e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem COFEN 311/20072 no capítulo III o qual se refere ao ensino, pesquisa e produção técnico-científica, tendo em seus artigos 89, 90 e 91 as responsabilidades e deveres relacionados à pesquisa envolvendo seres humanos (COFEN, 2007).

Os participantes foram convidados a participar do estudo, sendo-lhes apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, o qual foi lido de modo a esclarecer as dúvidas e os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, assegurando que a participação era de forma voluntária e com o aceite, foi solicitada a assinatura em duas vias do documento, onde uma das vias ficou com o entrevistado e a outra permaneceu sob a responsabilidade da pesquisadora (Pereira, 2018). A pesquisa não ofereceu aos participantes riscos biológicos, físicos ou de vida, visto que não requereu procedimento invasivo, mas ainda assim pode ter gerado riscos psicológicos, tais como, desconforto e estresse durante as entrevistas.

Foram garantidos o sigilo e anonimato através da identificação alfanumérica dos depoimentos (Pereira, 2018), em que a letra E significa Entrevistado (a), acrescido do número correspondente à ordem das entrevistas, hífen, seguido do sexo biológico, onde a letra M significa Masculino, a letra F significa Feminino, e por fim a idade em números arábicos, por exemplo: E01-F30 (Entrevistado nº1, Feminino, 30 anos).

Os dados obtidos com a pesquisa foram agrupados e analisados por meio da análise temática que divide-se em: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados obtidos e interpretação. Durante a pré-análise, houve a ordenação dos dados obtidos nas entrevistas, observação e diário de campo incluindo: transcrição, leitura, organização do material e retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. Na exploração do material, foi desenvolvida a classificação por meio da leitura exaustiva dos dados, identificando as ideias centrais, retomada da revisão de literatura e a constituição de um "corpus". O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação foram marcados pelo momento em que os pesquisadores propuseram as inferências e realizaram interpretações (Minayo, 2010).

3. Resultados

Foram entrevistados dez participantes, sete do sexo feminino e três do sexo masculino, sendo todos com identidade de gênero feminino e com faixa etária entre 18 e 66 anos. O nível de escolaridade variou entre analfabeto e 2º grau completo, sendo a maioria com 1º grau incompleto. Predominaram participantes com filhos. A maioria relatou não ter companheiro. Com relação ao tempo de atuação como profissional do sexo, este variou entre um a 50 anos. Quanto à renda mensal dos participantes, esta ficou entre 800.00 a 5.000 reais.

No que concerne ao início e a manutenção da atividade, inicialmente, compreende-se que uma questão significativa para a relação do sujeito com o trabalho é a profissão. Para isso buscou-se conhecer melhor as histórias das profissionais do sexo entrevistadas, quanto ao papel que desempenham na sociedade, bem como os motivos de sua inserção e permanência, além de todas as questões que cercam o dia a dia.

Para algumas participantes, falar abertamente sobre seu trabalho é algo natural, que não lhes causa constrangimento, no entanto, para outras, as respostas são dadas de forma indireta no primeiro momento.

[...] ah, secretária, secretária dos homens, por que é onde eu estou nesse momento (01-F39). Eu faço cabelo, eu faço mais é cabelo [...], eventualmente, às vezes sim [...], tu ganha, mas é um dinheiro que tu gasta, muito estranho, dinheiro fácil, e vai fácil, mas dá bem mais que cabelo (E02-M40).

[...] eu trabalho me prostituindo na rua (E03-M18).

[...] isso não deixa de ser um serviço, um trabalho, profissão mais antiga que tem na face da terra (E04-F39).

Nas falas acima se percebe que as profissionais do sexo reconhecem a atividade que desempenham como um trabalho. Ademais, muitas iniciaram nessa profissão devido à falta de oportunidades de emprego e também por vivenciarem violência intrafamiliar na infância, como pode-se observar nas falas a seguir:

Eu comecei mesmo por que é um dinheiro a mais. O trabalhador trabalha 8 horas, não ganha no mês o que a gente ganha no dia (E02-M40).

Eu fui tentar arrumar serviço só que não me deram por que eu era travesti, e aí eu pensei e comecei a me prostituir em ruas (E03-M18).

Eu comecei numa boate, por que eu achava horrível, nunca imaginei eu assim, sendo uma mulher da vida, da rua, eu me horrorizava de ver aquelas mulheres escoradas nas paredes, atacando os homens, então eu achava horrível, mas como eu tinha uma filha pequena [...] eu precisava sobreviver e dar as coisas para eles, não tinha outra opção, não tinha emprego, até então eu nunca tinha trabalhado [...] aí uma conhecida me disse que eu poderia sair com homens, arrumar dinheiro (E05-F55).

Eu batalho desde os 12 anos, quando eu sai de casa para as ruas. Quando eu tinha 6 anos fui estuprada pelo meu irmão, vivia muito abuso sexual pelo irmão, pelo padrasto, aí eu me cansei disso, a minha mãe não fazia nada, acabou que eu saí, fui morar sozinha, morava na casa de um, na casa de outro (E09-F62).

Para as transexuais os motivos de iniciarem na prostituição estão relacionados a não aceitação do corpo, a uma possibilidade de libertação.

[...] eu não passava necessidade em casa, só que assim, o problema era de aceitação, eu achei que eu saindo para esse mundo afora, botando uma roupa de mulher e indo para esquina, eu ia ter uma vida totalmente diferente [...] eu não tenho cirurgia de troca de sexo, não tenho nenhuma cirurgia no meu corpo, mas eu me considero trans por causa da minha mente, por que um dia eu vou fazer a cirurgia, a troca de sexo, por que é o sonho da minha vida, e eu preciso muito disso por que eu me sinto uma pessoa incompleta e na minha mentalidade, eu sou mulher e pronto. [...] a gente nasce com uma alma feminina, um espírito que não é teu, é um espírito, como é que vou te dizer? não bate com aquele corpo, não é para aquele corpo, desde de que eu era criança, eu brincava no meio das meninas, eu brincava de boneca, eu brincava de casinha, de panelinha, de fazer comidinha, essas coisas que menina faz, eu pulava corda, brincava com as meninas, sempre no meio das meninas [...](E10-M19).

Assim como a questão financeira é o principal motivo para entrar na profissão, percebe-se ser também um dos motivos para a sua permanência, permitindo a manutenção da qualidade de vida dos filhos.

[...] eles são meu tudo, é o que eu digo para eles, a mãe tenta fazer o possível e o impossível por vocês, vocês estando certos ou errados, pode ter certeza que eu vou estar aqui, aonde quer que vocês estejam eu vou estar junto, mãe é isso, amo meus filhos, minha razão de viver são eles, se eu estou aqui hoje é por causa deles (E01-F39).

[...] mas também o que ela quer de roupa, calçado, vale escolar na carteirinha não falta, não falta nada [...] (E09-F62).

Apesar de o trabalho exercido proporcionar sustento para casa e para os filhos, o preconceito vivenciado tanto pelas profissionais do sexo quanto por seus familiares ou conhecidos fica explícito nas falas.

[...] estou fazendo uma pesquisa aqui com a moça [...] já achou que você era de programa eu acho, por isso já falei [...] uma vez a minha filha veio aqui, veio falar comigo e já saiu um atrás, tive que botar a boca [...] eu disse, agora uma pessoa não pode vir aqui falar comigo, que os caras já ficam te cuidando sabia? Aqui é bem assim (E05-F55).

Por que a sociedade tem que tratar as pessoas assim, por quê? Que nem tu aqui, tu está sentada aqui comigo fazendo uma entrevista, tu acha que se passar algum colega aqui que não vai com a tua cara já não vai sair botando aos quatro ventos, olha a fulana lá sentada com a puta na praça, acontece, entendeu? [...] por que eu acho assim, não é por que eu sou garota de programa, que eu não posso ter família, eu tenho, eu posso ter família, não é por que eu vivo disso, eu vendo o meu corpo que as minhas filhas tem passar por humilhação (E04-F39).

[...] um dia eu cheguei e ela [filha] estava sentada na rede chorando, e ai eu fui perguntar por que ela estava chorando [...] ela me contou que a menina disse: a tua mãe é lá da praça, faz programa, roda a bolsinha, todo mundo olhando e ela ouvindo [...] (E08-F60).

Apesar do preconceito, as participantes da pesquisa relatam que as pessoas mais próximas e importantes na sua vida sabem sobre a prostituição.

[...] não adianta esconder das pessoas, principalmente dos teus filhos, por que, nada é encoberto que não seja descoberto. Eles sabendo por mim, vão saber se defender. Então tem que contar, ter a palavra na ponta da língua para poder se defender (E01-F39).

[...] sabem, as netas, tudo sabem, as filhas, elas ficam na delas [...] a minha filha está varrendo rua, a minha neta também, então elas me ajudam, eu moro com elas (E06-F60).

Na tentativa de diminuir a exposição/estigma, algumas profissionais do sexo aderiram ao uso da tecnologia como a internet.

Eu atendo mais através da internet, através de site, os clientes procuram muito, e como eu moro sozinho e tenho local, é bem recompensável (E02-M40).

Em relação às vivências específicas das transexuais, por se sentirem mulheres, elas destacam a importância do nome social, e revelam fazer programas apenas com homens.

[...] antigamente eu não tinha documento social, ai eles falaram assim que eu podia trocar meu nome né, que eu podia ter identidade social e tudo (E03-M18).

[...] mulher também procura, mas eu não saio com mulher, Deus me livre (risos) mas tem amigos meus que saem, por dinheiro saem (E02-M40).

[...] a mesma coisa que assim olha, aparece um homem na minha vida, ah eu quero que tu, hoje vamos inverter, hoje tu vai ser o homem da relação, não, isso não existe comigo, eu sou mulher, eu sou mulher e pronto, acabou (E10-M19).

Para as profissionais do sexo com idade mais avançada as dificuldades se tornam cada vez maiores, pois a procura pelos seus serviços sexuais diminui e quando ainda conseguem clientes, oferecem pagamento de menor valor.

[...] isso aqui não dá nada, não aparece ninguém a não ser para quem é nova, para mim que já tenho essa idade, eles dão só 20 pila, as vezes dão 30, as vezes, não é sempre (E06-F60).

[...] tem meses que eu e ela ficamos sentadas aqui no banco, passa 15 dias, 20 dias e a gente não faz um programa [...]a gente vai envelhecendo e vai aparecendo outras mulheres novas, e eles deixam de pegar a pessoa para pegar outras mais novas [...] (E09-F62).

Nas falas a seguir percebe-se que algumas profissionais do sexo possuem a intenção de deixar a profissão futuramente, porém encontram diversos obstáculos.

[...] eu já botei currículo várias vezes nos lugares, mas está feio o troço, então se não te dão oportunidade por um lado vai para o outro, ai vem assim, ah eu te conheço, tu é prostituta, ninguém te dá auxílio né então tem que andar com as próprias pernas (E01-F39).

[...] eu estou no 2º ano ainda, estudando [...] eu estudo de noite, quando não vou à aula, eu vou as 7, ai quando eu vou à aula, eu chego lá umas 10 e pouco. [...] se eu arrumasse um serviço mesmo, ai eu parava (E03-M18).

[...] mas quem é que vai dar serviço, vão dizer assim, o que tu fez nos últimos anos? [...] quando eu me operei o doutor me deu atestado para mim ir no INSS, eu cheguei lá e falei a verdade, o que a senhora faz? Eu sou profissional do sexo lá da praça, a mulher ficou parada me olhando [...] (E09-F62).

[...] eu trabalhava, agora eu parei de trabalhar um período por que estou terminando os estudos, estou no último ano, e assim em diante vou seguir trabalhando e me aperfeiçoar na minha área (E10-M19).

Em contrapartida aos resultados até agora explanados, um relato permite inferir que a profissional do sexo se satisfaz com o trabalho e demonstra certo comprometimento com os clientes que a procuram.

[...] eu acho que é bom até para estar na rua, às vezes se alimenta e come coisa boa, e passa mais o tempo, o tempo passa mais rápido, é por causa disso [...] até dia de chuva eu venho [...] a minha filha às vezes me diz, antes de ir para lá tu come, almoça, que pressa é essa, e eu digo não, que nada, nem vou almoçar [...] às vezes eu estou lá em casa e penso, se alguém vai para lá me procurar e eu não estou? eu penso [...] (E06-F60).

4. Discussão

A necessidade financeira é o principal motivo que fizeram com que as mulheres entrevistadas iniciassem na prostituição. Resultado que vem ao encontro de Bonifácio & Tilio (2016) complementam trazendo que isso acontece devido à falta de oportunidades e/ou qualificações para o mercado de trabalho, refletindo a estrutura de uma sociedade desigual.

Ainda outro estudo (Paiva et al., 2013), constatando o mesmo motivo financeiro como o principal para a busca do trabalho de profissional do sexo, salienta que além desta e da falta de oportunidades para conseguir emprego, há as questões familiares. O que pode ser observado na fala acerca da violência sexual familiar que a prostituta relatou sofrer na infância e que a fez abandonar aquela família e adentrar à comercialização do sexo. Percebe-se que a violência somada a falta de suporte limitou as oportunidades.

Corroborando nesse sentido, Silva & Sampaio (2014) trazem como causas da prostituição a exclusão social, a pobreza, o abuso sexual na infância, a desestruturação familiar, a violência estrutural, o descaso das instituições públicas, o tráfico e a exploração de pessoas. Assim como, uma interrogação acerca do termo mais adequado para refletir essa profissão: prostitutas ou prostituídas? E ser ou estar prostituta?

Ademais, as participantes consideram a atividade de prostituição como um trabalho, assim como encontrado em Silva & Carvalho (2016), assumindo que não conseguiriam renda superior em outra atividade devido à baixa escolaridade e a falta de experiência no mercado de trabalho. Sabe-se que muitas famílias dependem do trabalho das prostitutas, que encontram nessa atividade a possibilidade de manter o conforto dos filhos e o sustento de demais familiares.

Nessa perspectiva, sabe-se que no Brasil a prostituição não é considerada crime, ou seja, não é uma profissão exercida de maneira ilegal. Não há, no ordenamento jurídico, leis que regulamentam ou proíbem a prática da prostituição (Braga & Miranda, 2016). O

Ministério do Trabalho reconhece a prostituição como uma atividade profissional registrada, desde 2002 na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2019). Porém, ainda sem o direito à legalidade da profissão (Silva & Carvalho, 2016).

Embora se tenha conhecimento de que a prostituição é uma profissão já existente desde a Grécia antiga e que as prostitutas eram respeitadas, por vezes consideradas sacerdotisas e andavam livremente pelas ruas, atualmente as mesmas vivem às margens da sociedade, sendo estigmatizadas e hostilizadas. O que culmina em uma atenção política e social fragilizada, refletindo o descaso da sociedade com essa parcela da população marginalizada, mas que necessita desse trabalho para sustentar a si e a sua família (Braga & Miranda, 2016; Vieira & Junior, 2015).

Ainda para Vieira & Junior (2015) essa situação apenas piora a qualidade de vida dessas pessoas, privando-as de acesso aos serviços de saúde e de uma vida cotidiana em sociedade em prol de um falso moralismo que nega um fato presente há anos no Brasil e no mundo que é a prostituição como profissão.

A questão do preconceito que as profissionais do sexo sofrem é evidente nas falas das participantes, onde muitas optam por omitir/mentir a profissão no cotidiano na tentativa de evitais tais julgamentos. Resultado encontrado em outros estudos, sendo que um destes corrobora trazendo que é um preconceito historicamente enraizado na sociedade sob a forma pejorativa, em que as prostitutas preferem não expor à profissão, bem como utilizar pseudônimos e se sentem à parte do restante da sociedade (Costa et al., 2018).

Ademais, também foi observado nas falas que as pessoas mais importantes para as entrevistadas têm conhecimento de sua profissão, diferente do abordado em outros estudos, onde as prostitutas preferem omitir a profissão na tentativa de evitarem o distanciamento e a opressão da família. Os estigmas envoltos à mulher profissional do sexo podem estar relacionados aos padrões socialmente construídos da mulher como esposa, dona de casa e mãe (Costa et al, 2018).

O preconceito também é relacionado ao fato das profissionais do sexo estar expostas nas ruas, situação que, tradicionalmente, a sociedade já relaciona com a prostituição, embora a pessoa não seja da profissão. O que mostra uma das falas, em que associam a pesquisadora à profissão simplesmente por estar presente no local. Essa exposição justifica o fato de algumas profissionais do sexo optarem pelo uso da tecnologia para conseguirem seus clientes.

Nesse contexto, percebe-se que a prostituição, já conhecida popularmente como a profissão mais antiga do mundo, também passou por mudanças ao longo do tempo, pois era uma prática encontrada em prostíbulos, bares, ruas e anúncios de jornais, que passou a ser

oferecida pelas novas mídias digitais. Isso proporciona maior segurança e privacidade, embora, por vezes, ilusória. Ademais, a utilização das tecnologias não findou com as demais formas de oferta e procura por serviços sexuais, ou seja, a chegada da internet não substituiu as demais formas de comercialização do sexo, apenas tornou-se uma possibilidade de facilidade de acesso aos interessados (Lorenzi, 2019).

Com relação aos participantes transexuais, inicialmente é preciso destacar que a sociedade possui padrões do que é ser homem ou mulher que envolvem questões de sexo e gênero que culminam por excluir e discriminar os travestis e transexuais (Sofal, et al., 2019).

Por consequente, compreende-se que essas pessoas, quando profissionais do sexo, acabam por sofrer preconceito duplamente. Situação percebida na fala que traz a questão de estar na prostituição pela aceitação enquanto mulher, refletindo tais preconceitos que, para evitar um, acaba-se enfrentando outro. Para Sofal et al., (2019), a prostituição para essas pessoas acaba sendo um espaço de socialização, onde elas entram em contato com o universo de feminilidade aparente, como maquiagens, hormônios, entre outros. Com isso, elas encontram na prostituição uma rede de suporte, onde se sentem aceitas como todos os outros que ali estão. É como um refúgio de uma sociedade que exclui.

A pessoa transexual pode possuir aversão ao próprio órgão sexual, não sendo este uma fonte de prazer para ela. Por isso, quando considerado seu sexo psicossocial, possui orientação sexual heterossexual. Há pessoas que desejam extirpar o órgão para viver com dignidade, adequando o sexo psicológico ao biológico. Porém, também há casos em que a pessoa transexual vive tranquilamente sem a cirurgia extremamente invasiva (Rodrigues & Alvarenga, 2015). Assim, compreendem-se as falas que relataram considerar o órgão sexual um apêndice possível de ser retirado, bem como o fato dos homens transexuais entrevistados optarem por realizar as relações sexuais apenas com homens.

Nas falas pode-se observar que muitas profissionais do sexo desejam deixar essa profissão futuramente, para isso, relatam estarem dando continuidade aos estudos, garantindo melhores chances de entrar no mercado de trabalho formal (Paiva et al., 2013). Uma vez que, o baixo grau de escolaridade torna-se um fator determinante para o ingresso na prostituição, devido à falta de qualificação/experiência em outra área, somando ao fato da escassez de vagas no mercado de trabalho (Leal et al., 2017).

Já, em uma das falas percebe-se a preocupação em não decepcionar ou perder seus clientes. Como visto anteriormente, para a maioria das profissionais do sexo, a prática sexual tem o intuito principal de gerar renda para o sustento. Sendo assim, elas desenvolvem práticas capazes de satisfazer o cliente para que o mesmo volte e procure seus serviços em outras

oportunidades. Ademais, o cliente muito satisfeito com o serviço, por vezes, acaba por pagar um valor maior do que o combinado (Paiva et al., 2013). Acredita-se que as profissionais do sexo estejam inseridas em um território competitivo, assim como o contexto atual do mercado de trabalho brasileiro, por isso o receio de não se fazer vista quando os clientes procuram.

Dentro desse contexto inserem-se as profissionais do sexo idosas, as quais relataram maior dificuldade em conseguir um cliente, bem como quando o conseguem, recebem um valor inferior às profissionais do sexo mais jovens. Nessa perspectiva, a velhice cronológica é um período em que o corpo apresenta dificuldades para realizar a rotina de programas sexuais e o corpo é a mercadoria comercializada. Esse fato torna-se preocupante, uma vez que a idade pode limitar/impossibilitar a atividade desses profissionais, os quais retiram dessa profissão seu sustento.

5. Considerações Finais

Embora a prostituição seja uma profissão já enraizada na sociedade brasileira, suas folhas e frutos precisam se desenvolver embaixo da terra, ou seja, escondidos, marginalizados, subjugados em meio a uma sociedade mergulhada em um falso moralismo. Os profissionais, ou melhor, as pessoas que dela vivem ainda padecem com a falta de atenção legal, social, em saúde, entre outras. Faz-se urgente elaborar políticas públicas destinadas que visem acolher e sanar as demandas dessa parcela da população. Acredita-se que este trabalho contribua para uma melhor compreensão da realidade vivenciada por essas pessoas e incentive outros estudos a mostrar os desafios dessa profissão, para que não continuem velados. Finaliza-se este estudo, por enquanto, sem ponto final, pois ainda há muito que ser feito para acabar com o moralismo, dando voz aos profissionais do sexo e fazendo a sociedade vê-los e respeitá-los como cidadãos, precursores de suas histórias, merecedores de atenção e compreensão, pois embora sejam pessoas excluídas em meio à sociedade, estão e são presentes em todo nosso meio de convívio.

Agradecimentos

Agradecemos a Organização Não Governamental (ONG) Vale a Vida pelo apoio para a concretização da pesquisa.

Referências

- Becker, H. S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, HICITEC, 1993.
- Bonifácio, D. P., Di, & Tilio, R. D. (2016). Mulheres profissionais do sexo e o consumo excessivo de álcool. *Cadernos de Psicologia Social Do Trabalho*, 19(1), 29–44. doi: 10.11606/issn.1981-0490.v19i1p29-44
- Braga, A. D., Miranda, L. H. N. A. (2016). A inconstitucionalidade da tipificação do crime de manter estabelecimento em que ocorra exploração sexual. *Virtuajus – Belo Horizonte*, 12(28), 184 - 198. ISSN: 1678-3425.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Conselho Federal de Enfermagem - COFEN (2007). Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem COFEN 311/2007.
- Costa, T. V. de A., Lourenço, M. P. C., Vidala, ; Otoni, G. H. S., Santos, F. P., & Leal, C. E. (2018) *Preconceito , relações familiares e práticas de saúde em profissionais do sexo : uma abordagem qualitativa*. 28(Supl 4), 54–62. doi: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20180025>
- Koche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica : teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petrópolis, RJ : Vozes.
- Leal, C. B. M., De Souza, D. A., & Rios, M. A. (2017). Aspectos de vida e saúde das profissionais do sexo. *Revista Infermagem UFPE*, 11(11), 4483–4491. doi:

10.5205/reuol.23542-49901-1-ED.1111201726

Lorenzi, G. (2019): Prostituição virtual: o impacto das novas tecnologias na “Profissão mais antiga do mundo”. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*. ISSN: 1988-7833. Recuperado de <https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/06/prostituicao-virtual.html> //hdl.handle.net/20.500.11763/cccss1906prostituicao-virtual

Ludke, M., & Andre, M. E. D. A. (2013). *Pesquisas em educação: uma abordagem qualitativa*. São Paulo: E.P.U.

Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Paiva, L. L. de, Araújo, J. L. de, Nascimento, E. G. C. do, & Alchieri, J. C. (2013). A vivência das profissionais do sexo. *Saúde Em Debate*, 37(98), 467–476. doi: 10.1590/s0103-11042013000300010

Penha, J. C. da, Aquino, C. B. de Q., Neri, É. de A. R., Reis, T. G. O. dos, Aquino, P. de S., & Pinheiro, A. K. B. (2015). Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis em profissionais do sexo do interior piauiense. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(2), 63-69. <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.52089>

Pereira, A. S. et al., (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf

Rodrigues, E. E., & Alvarenga, M. A. D. F. P. (2015). Transexualidade E Dignidade Da Pessoa Humana. *Revista Eletrônica Do Curso de Direito Da UFSM*, 10(1), 72–93. doi: 10.5902/1981369418583

Silva, A. R., Carvalho J. (2016). Prostituição é profissão: motivos para legalizar. *Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas [Internet]*. 1(2), 1 - 36. Recuperado de <http://fadipa.educacao.ws/ojs-2.3.3-3/index.php/cjuridicas/article/view/157>

Silva, R. F., Sampaio, F. S. Prostituição: Sexo e Mercadoria. (2014). *Geografia (Londrina)* 1(23), 85 – 105. <http://dx.doi.org/10.5433/2447-1747.2014v23n1p85>

Sofal, A. M. de, Oliveira, M. M. de, Rodrigues, P. H. M., Costa-Silva, T. A., Ribeiro, L. P. (2019). Trajetórias de vida de travestis e transexuais de Belo Horizonte: Ser “T” e “Estar Prostituta”. *Serv. Soc. Rev., londrina, 2* (21), 375-396. Doi: 10.5433/1679-4842.2019v21n2p375

Vieira, L. B., & Freitas Júnior, R. A. de O. (2015). Lei Gabriela Leite: a legalização da prostituição sob uma nova perspectiva no direito penal brasileiro. *Revista Transgressões, 3*(1), 331-344. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7211>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Milena Oliveira do Espírito Santo – 15%

Michele Mandagará de Oliveira – 15%

Roberta Zaffalon Ferreira – 15%

Vania Dias Cruz – 15%

Valéria Cristina Christello Coimbra – 10%

Taís Alves Farias – 10%

Kauana Flores da Silva – 10%

Silvana Fonseca Timm – 10%